

A modalização autonímica no discurso infantil

Marlete Sandra Diedrich¹

¹Curso de Letras – Universidade de Passo Fundo (UPF)

marlete@upf.br

Resumo. *O propósito deste texto é, a partir da perspectiva epistemológica da enunciação, discutir alguns aspectos relacionados à projeção da metaenunciação no discurso infantil. Em linhas gerais, analisam-se as marcas metaenunciativas da heterogeneidade lingüística apresentadas em textos falados produzidos por crianças. Com base no ponto de vista da enunciação, reflete-se aqui sobre algumas noções inerentes ao estudo da aquisição da metaenunciação, com o objetivo de ampliar o âmbito de descrição e, especialmente, de interpretação dessas marcas.*

Abstract. *The purpose of this text is, from the perspective of epistemology of enunciation, to discuss some aspects of the projection of the metaenunciation in the child discourse. In general terms, the metaenunciation marks of the linguistics heterogeneity shown in the spoken text, are discussed. Based on the point of view of the enunciation, some notions inherent to the study of the metaenunciation acquisition are discussed aiming to enlarge the scope of the description and mainly of the interpretation of these marks.*

Palavras-chave: metaenunciação; discurso infantil; heterogeneidade lingüística

1. Considerações iniciais

O propósito deste texto é, a partir de considerações epistemológicas da área da enunciação, discutir aspectos da aquisição de habilidades metaenunciativas a partir do discurso infantil. A metaenunciação é representada lingüisticamente pelo ato em que o enunciador se desdobra em dois, um que diz e o outro que se pronuncia de alguma forma sobre esse dizer.

Assim, propomo-nos a discutir a seguinte questão: na construção do seu discurso, uma criança produz formas metaenunciativas reveladoras da reflexividade em torno da própria enunciação à semelhança do que faz o enunciador adulto? Se produz, a que campos da heterogeneidade do dizer elas pertencem e o que revelam acerca da aquisição da competência de negociação por parte do enunciador com as não-

¹ Professora de Língua Portuguesa e Lingüística do curso de Letras, da Universidade de Passo Fundo.

coincidências do dizer? O que dizem essas formas acerca da capacidade da criança, a partir da sua posição de domínio metaenunciativo, de controlar seu dizer?

São essas as questões que movem esta investigação do desdobramento metaenunciativo da modalização autonímica no discurso infantil. Para tornar o estudo possível, buscamos nos trabalhos da lingüista francesa Jaqueline Authier-Revuz² a base teórica para a investigação de nosso objeto, mais precisamente, nos quatro tipos de metaenunciatividade denominados pela autora de não-coincidências. A autora elenca as seguintes manifestações: a não-coincidência interlocutiva, a não-coincidência entre as palavras e as coisas; a não-coincidência do discurso consigo mesmo e, finalmente, a não-coincidência das palavras consigo mesmas, as quais trataremos mais detalhadamente na seqüência deste artigo. Para Authier-Revuz, a metaenunciatividade representa lingüisticamente o ato de dizer em que o enunciador se desdobra em dois, um que diz e o outro que se pronuncia de alguma forma sobre esse dizer. Neste trabalho, baseamo-nos nas pesquisas da autora para investigar, na perspectiva da enunciação, como se estruturam tais enunciados nos textos falados produzidos pela criança, uma vez que acreditamos ser possível, em investigações posteriores, chegarmos à descrição de um processo de aquisição de habilidades metaenunciativas. Trata-se de um trabalho em estágio inicial, o qual ainda não é capaz de apontar considerações conclusivas acerca da questão, mas revela algumas análises preliminares do objeto em foco. Representa um primeiro passo na busca de investigação do fenômeno metaenunciativo no discurso produzido por um enunciador criança.

Lembramos que nosso trabalho se volta para tal fenômeno entendendo-o como uma marca da enunciação revelada no texto produzido pela criança e, portanto, capaz de apontar considerações importantes acerca das condições de produção do discurso e do sujeito que nele se manifesta.

Assim, buscamos atingir os seguintes objetivos: investigar formas metaenunciativas pelas quais, no discurso, os enunciadores duplicam a enunciação como representação reflexiva desta, descrever essas formas metaenunciativas produzidas pela criança, explicitando-lhes características formais e funcionais determinadas pela heterogeneidade revelada na busca da construção do sentido.

Esclarecemos, desde o início, que não se trata de um estudo acerca do sujeito e de sua constituição, mas de uma investigação dos mecanismos lingüísticos reveladores do empreendimento desse sujeito no ato de enunciação, capazes de projetar a enunciação nos enunciados por ele produzidos.

Para tanto, apresentamos os fundamentos teóricos que nos guiam até aqui e algumas análises iniciais já realizadas que nos incentivam a fazer afirmações, mesmo que não definitivas, acerca da questão.

² Baseamo-nos em especial em *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer* (1998) e *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido* (2004).

2. Fundamentação teórica

Apesar de se tratar de um estudo que envolve a aquisição da linguagem, este trabalho está centrado no campo da enunciação, com um constructo teórico que se circunscreve às não-coincidências do dizer e sua representação metaenunciativa, o qual se baseia no estudo lingüístico e discursivo da modalização autonímica proposto por Authier-Revuz.

2.1 A enunciação e a metaenunciação

A enunciação em nosso trabalho filia-se à corrente benvenistiana: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 1989, p.82). Trata-se, portanto, de um ato, constituído de um locutor que fala a um interlocutor e, em função disso, mobiliza a língua por sua conta.

A conversão individual da língua em discurso está intimamente relacionada aos interesses deste trabalho, uma vez que este procura dar conta da semantização da língua e, a nossos olhos, a enunciação não pode ser desvinculada da construção do sentido. Logo, sempre que abordarmos aspectos enunciativos, estaremos abordando a conversão individual da língua em discurso.

O interesse pelas formas sempre esteve presente na obra de Benveniste, e encontra-se reconhecido em *O aparelho formal da enunciação*, trabalho que desenvolveu com o intuito de descrever, no interior da língua, “os caracteres formais da enunciação a partir da manipulação individual que ela atualiza” (BENVENISTE, 1989, p.81).

Benveniste reconhece na enunciação o ato individual de utilização do sistema, o que garante espaço para a instância discursiva em seus estudos; entretanto, nunca de forma dicotômica, como vimos em Saussure, mas de maneira integralizadora. Isso talvez confunda especialistas e leitores de sua obra, afinal, ainda é surpreendente aos olhos de grande parte da comunidade científica que alguém possa trabalhar com posturas diferentes, sem que uma anule a outra. Benveniste faz isso: reafirma idéias de Saussure e baseia-se nelas para construir sua teoria da enunciação, não prevista pelo mestre.

Nessa teoria, reconhece o locutor como condição necessária da enunciação. Isso porque a enunciação é reconhecida como uso individual da língua, logo, ela só ocorrerá quando o locutor assim decidir. Sem locutor, não há enunciação. Nesse processo, o locutor recorre às diversas possibilidades que a língua enquanto sistema estruturado de formas lhe oferece e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos e de procedimentos acessórios.

A introdução do locutor na sua própria fala, portanto, é um dado constitutivo da enunciação. E sua presença na enunciação torna cada instância do discurso um centro de referência interno. Dessa forma, o locutor relaciona-se com sua enunciação.

O locutor tem, na Teoria da Enunciação de Benveniste, lugar de destaque, uma vez que a enunciação é definida pelo sujeito que diz EU. Entretanto, sua relação com a enunciação só é possível por meio do aparelho formal da enunciação. É quando faz uso desse aparelho que o locutor é capaz de realizar o ato enunciativo em si e se marcar no discurso. É a subjetividade afetando o sistema formal da língua, idéia central no trabalho que pretendemos desenvolver, já que nossa investigação se volta para as formas lingüísticas capazes de marcar a inserção do sujeito que enuncia e seu esforço de negociação com a própria enunciação.

Estando a enunciação assim definida, passemos à metaenunciação. Benveniste (1989, p. 66) desenvolve o princípio da dupla significância: o semiótico e o semântico.

Segundo este princípio, o semiótico diz respeito ao modo de significância que é próprio do signo lingüístico e que o constitui como unidade. Com o semântico, temos o modo específico de significância que é dado no discurso, por meio da enunciação. A semantização da língua é entendida, portanto, como uma relação do sujeito com a língua (TEIXEIRA, 2000, p.136), a qual se encontra em posição privilegiada entre os sistemas sógnicos, uma vez que a língua pode interpretar integralmente os signos de outros sistemas, mas o inverso não ocorre. O privilégio da língua, segundo Benveniste (1989, p.66), reside na propriedade reflexiva, a qual torna possível à língua falar dela mesma. Comporta, assim, simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. E, a partir disso, é capaz de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância: “é nesta faculdade metalingüística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas.” (BENVENISTE, 1989, p.66). É essa capacidade que sustenta o aparecimento, na enunciação, da modalização autonímica, a qual ocupa nosso interesse central neste artigo.

Authier-Revuz (1998, p.141), inspirada nos trabalhos de Rey-Debove, define a modalização autonímica a partir da idéia de uso+menção. Para clarear tal idéia, observemos o exemplo analisado pela própria autora: “A *villa* de João, como ele chama seu quartinho, está em mau estado”. Segundo Authier-Revuz, neste enunciado, o enunciador usa um elemento X e acrescenta ao uso do elemento-padrão um retorno a esse uso, comentário reflexivo no qual intervém a menção ao elemento X visto como palavra. Ou ainda, segundo Authier-Revuz: “o enunciador fala da coisa *villa*, e, além disso, fala da palavra “*villa*” com a qual ele fala da coisa” (1998, p.141). Isso ocorre porque em algum ponto o dizer apresenta-se como não óbvio: “em vez de, em uma aparente transparência, no apagamento de si, exercer sua função mediadora de nomeação, o signo interpõe-se em sua materialidade – com seu significado e seu significante – como um objeto que, encontrado no trajeto do dizer, coloca-se como objeto deste.” (1998, p.179) Reside aí o processo de metaenunciação: a enunciação do signo se dobra em uma representação dela mesma. Esse desdobramento diz respeito à enunciação em geral, mais particularmente, ao que se poderia chamar de complexidade enunciativa. Tal complexidade é que nos leva à discussão da heterogeneidade enunciativa.

2.2 A que se deve a heterogeneidade

Deixamos claro, desde o início, que se trata de uma investigação na área da Lingüística, logo, nosso interesse se volta para as formas lingüísticas e para o que elas revelam acerca da heterogeneidade enunciativa. Por essa razão, passamos a definir, tal qual proposto por Authier-Revuz, o caráter desta heterogeneidade constitutiva da enunciação, a qual é vista a partir da convocação do dialogismo bakhtiniano e da psicanálise lacaniana como exteriores teóricos.

Certamente não pretendemos nem podemos explicar, nos limites deste constructo teórico, toda a riqueza de proposições que representa o trabalho de Bakhtin e do Círculo de Bakhtin. Porém, procuramos dar uma visão, mesmo que condensada, porém, não redutora, do que propôs este estudioso no que concerne à heterogeneidade do sujeito que fala.

Para Bakhtin, o princípio dialógico pode ser concebido a partir do diálogo entre interlocutores e do diálogo entre discursos. A interação verbal entre interlocutores, para Bakhtin, diz respeito às duas vozes que sempre ressoam no discurso: a do eu e a do outro, princípio constitutivo do sujeito e da linguagem. Nessa abordagem do sujeito e da linguagem, o discurso nunca é individual: “Eu me dou forma verbal a partir do ponto de vista do outro, e em definitivo, a partir do ponto de vista da comunidade a que pertença.” (BAKHTIN, 1993, p. 88). A essa idéia, o estudioso acrescenta conclusivamente: “As palavras são sempre e inevitavelmente as palavras dos outros.” Nos trabalhos de Authier-Revuz, essa concepção fica muito clara, uma vez que a autora vê na heterogeneidade revelada pela modalização autonímica o reconhecimento do ponto de vista do Outro, com o qual a enunciação pode ser contratual ou polêmica. É o princípio da intersubjetividade na visão de Bakhtin que se afirma como fundador da linguagem. No segundo aspecto do dialogismo bakhtiniano, o diálogo entre discursos, destaca-se o que está centrado na alteridade, uma vez que nenhuma palavra pode ser considerada neutra, mas sempre atravessada por outros discursos e ressonâncias. Eis aí a relação do sujeito enunciador com o objeto referido: ela não é direta, mas permeada pelos discursos alheios sobre o mesmo objeto: qualquer discurso se orienta para o já-dito, para o conhecido, para a opinião pública (BAKHTIN, 1993, p. 88).

O dialogismo para Bakhtin, portanto, determina o processo dialógico do conjunto, uma vez que o discurso se orienta, inclusive, para o que ainda não foi dito, mas solicitado a surgir, como discurso-resposta. Trata-se, assim, segundo Authier-Revuz, de um outro que atravessa constitutivamente o um.

Assim, procuramos, em nossa investigação, relacionar as formas metaenunciativas presentes no discurso infantil a esta heterogeneidade do sujeito proposta por Bakhtin, na tentativa de melhor compreender como se dá esse processo de constituição dialógica e se nele há estágios de desenvolvimento possíveis de serem analisados a partir das formas lingüísticas postas no discurso. E é nesse ponto de nossa investigação que nos deixamos influenciar de forma especial pelo que diz Bakhtin: o dialogismo é a verdade do próprio ser do homem, é o ser humano que é irredutivelmente heterogêneo, é ele que só existe no diálogo, dessa forma, a intersubjetividade antecede a

subjetividade (TEIXEIRA, 2000, p. 149). O locutor, sempre um ser social, integra à sua as vozes que o antecedem e as que ele antecipa na interação com seu destinatário, num contexto social determinado. A questão proposta por nós, então, é: como se dá essa integração no desenvolvimento do discurso infantil, sendo ela constitutiva do discurso?

Dito isso sobre o dialogismo bakhtiniano, passemos ao segundo aspecto abordado por Authier-Revuz em seus trabalhos: a psicanálise freudo-lacaniana, a qual concebe a fala como fundamentalmente heterogênea, apontando para um sujeito dividido. A psicanálise leva em conta o fato de que o discurso é marcado por rupturas, as quais levam o falante a interromper o fluxo normal da conversa para reformular ou comentar essas construções. Esses fenômenos assinalam, na visão da psicanálise, a revelação de um desejo inconsciente e também atestam a estruturação deste inconsciente como uma linguagem.

A partir desses dois exteriores teóricos, Authier-Revuz elege a heterogeneidade mostrada como objeto de suas análises, uma vez que a heterogeneidade constitutiva da enunciação, apesar de sempre presente nela, não é diretamente observável. Quanto ao heterogêneo mostrado, a autora caracteriza-o em dois planos: o da forma, e o da sua função na enunciação, nos discursos. Assim, trata-se de formas metaenunciativas, isoláveis como tais sobre a cadeia, que têm a propriedade de referir a um segmento dado da cadeia: são formas estritamente reflexivas, correspondendo, no quadro de um ato único da enunciação do dizer, ao desdobramento de um elemento por um comentário “simultâneo” desse dizer. A esse conjunto de formas inventariáveis, a autora chama de modalidade autonímica (2004, p. 181). Essa ruptura é combinada com um elo regular entre o elemento X da frase de base e o elemento (metalingüístico ou autonímico) que o designa na glosa metaenunciativa, e esse elo é assegurado por uma relação de pseudo-anáfora ou por uma superposição em construção. É, portanto, no plano formal, uma configuração de uma ruptura ligada que distingue no conjunto de formas de ruptura do heterogêneo manifesto, as do heterogêneo mostrado.

Quanto à função na enunciação, a autora afirma que ao se dobrar o uso de um termo por um comentário reflexivo opacificante sobre esse uso, essa modalização suspende localmente, sobre o termo visado, o caráter absoluto, não questionado, o óbvio ligado ao uso transparente, padronizado das palavras. Assim, a modalização confere a um elemento do dizer o estatuto de uma “maneira de dizer”, relativizada entre outras. Dessa forma, a enunciação se representa, localmente, como não afetada de não-um, como alterada no seu funcionamento por um fato pontual de não-coincidência.

Authier-Revuz elenca os quatro tipos de não-coincidência. O primeiro deles diz respeito à não-coincidência interlocutiva, envolvendo, portanto, enunciador e enunciatário, os quais não compartilham de uma palavra, uma maneira de dizer ou um sentido, imediatamente ou de modo algum, o que leva o enunciador a uma tentativa de conjurar a não-coincidência, isto é, reinstaurar o um de co-enunciação no ponto em que ele é ameaçado, como ocorre em: *x, sei que você não gosta da palavra, mas é isso mesmo...*

O segundo tipo é a não-coincidência do discurso com ele mesmo e refere-se à presença estranha de palavras marcadas como pertencentes a outro discurso e que, através de um leque completo de relações com o outro, desenham no discurso o traçado que depende de uma interdiscursividade mostrada, como em: *X, como diz fulano,...*

A terceira categoria das não-coincidências refere-se à relação entre as palavras e as coisas, manifestada em glosas que representam as hesitações, fracassos, êxito,... na produção da “palavra certa”, plenamente adequada à coisa, como em: *X, melhor dizendo, Y...*

E, por fim, como quarto tipo de não-coincidências, a autora apresenta a não-coincidência das palavras com elas mesmas, manifestada em glosas que designam, como uma recusa, ou ao contrário da aceitação dos fatos de polissemia, de homonímia, de trocadilho, etc., como em: *X, em sentido próprio,...*

Com esse inventário fornecido pela autora, acreditamos, assim como ela, que tais formas representam lingüisticamente a negociação obrigatória de todo enunciador com a existência das não-coincidências que marcam o seu dizer, ou seja, funcionam como marcas nos enunciados de operações realizadas na enunciação numa tentativa empreendida pelo enunciador de reafirmar o um mediante o reconhecimento do heterogêneo.

Motivados por esse pensamento, perguntamo-nos: em que momento do seu desenvolvimento lingüístico a criança reconhece a presença e a interferência do heterogêneo em sua enunciação? Que não-coincidências são percebidas primeiramente? E, ao percebê-las, empreende que tentativas de raafirmar o um? Tais questões nos levam, portanto, a dissertar sobre a heterogeneidade do discurso infantil

3. A heterogeneidade do discurso infantil

Nesse ponto de nosso investimento teórico, perguntamo-nos: e a criança, quando e de que forma reconhece tal heterogeneidade? Segundo a teoria do dialogismo constitutivo proposta por Bakhtin, ela deve acompanhar a criança desde suas primeiras produções. Mas se revela por meio de que estruturas e com que grau de complexidade? Certamente que não temos a pretensão, devido às limitações deste trabalho, de responder a esses questionamentos neste artigo, mas, movidos por eles, analisar três ocorrências de desdobramento autonímico observados nas falas de crianças, para, a partir deles, mostrar que as crianças fazem uso desse recurso metaenunciativo em diferentes etapas de seu processo de aquisição. Acreditamos que conseguiremos, dessa forma, orientar nossa investigação para determinadas afirmações ainda em caráter inicial, as quais, no decorrer da pesquisa, precisarão ainda ser testadas e revistas.

Passemos, assim, à análise das ocorrências observadas, seguindo a mesma motivação teórica de Authier-Revuz.

Sabemos que uma criança de 4 anos, com desenvolvimento normal, é capaz de interagir de forma bastante produtiva com adultos e outras crianças. Suas produções

lingüísticas apresentam características muito semelhantes às do falante adulto. B., de 4 anos, não contraria este quadro. Numa das conversas com sua mãe, marcadas por alto grau de espontaneidade, assim produziu:

1 *“quero manga, não de camisa, aquela de comê”*

A mesma criança, ainda com 4 anos, também produziu:

2 *“cadê aquele regadorzinho?...não...como é que diz?...”*

Outra criança, aos 6 anos de idade, produz em situação de interação com uma entrevistadora:

3 *“daí daí eles passaram pelum passaram pelum negócio...não sei muito bem... daí eles voltaram pela pra sala de aula”*

Os três casos revelam a presença, no discurso infantil, da modalização autonímica. Nos enunciados produzidos, o enunciador criança, à semelhança do adulto, se desdobra em dois: primeiramente, na linearidade de seu discurso, como o enunciador que diz, que declara algo; em seguida, no momento em que tece comentários metaenunciativos, o enunciador se revela como o outro que se pronuncia sobre o dizer anterior. Com isso, caracteriza a modalização autonímica, representada por formas estritamente reflexivas, correspondendo, no quadro de um ato único da enunciação do dizer, ao desdobramento de um elemento por um comentário “simultâneo” desse dizer. Trata-se, portanto, do reconhecimento, por parte do enunciador, da não-coincidência da enunciação que o leva a investir em representações lingüísticas capazes de criar uma imagem de homogeneidade enunciativa que garanta a comunicação. Assim, podemos afirmar que a criança, aos 4 anos, já reconhece a heterogeneidade enunciativa e investe em recursos lingüísticos metaenunciativos para amenizá-la ou anulá-la. O que nos leva, assim, ao próximo questionamento: ao reconhecer a heterogeneidade enunciativa, que não-coincidência recebe “tratamento” por parte do enunciador-criança?

No exemplo 1, encontramos uma manifestação da não-coincidência das palavras com elas mesmas, segundo a classificação de Authier-Revuz (1998, p.195), que vê aqui o testemunho dos enunciadores com o equívoco que joga com suas palavras: ao dizer “não de camisa, aquela de comê” o enunciador busca respostas de fixação de um sentido: “X, não no sentido de q, mas no sentido de p.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 195). Tal forma rejeita inicialmente um sentido para depois especificar o sentido a ser entendido, em função do fato do jogo polissêmico da palavra “manga”. Tal parâmetro de não-coincidência está relacionado ao real da língua como espaço de equívoco. Trata-se do que Lacan chama de *lalangue* (alíngua) na língua: “o encontro imprevisto, singular, que faz brotar no coração – significante – da nomeação escolhida a fâisca de uma outra palavra ou de um sentido a mais” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 77), o que, para o psicanalista, inscreve-se em toda a fala, em excesso, no querer dizer consciente, alguma

coisa que se diz sempre a mais que não era demandada, e que, abrindo o dizer sobre a dimensão da verdade inconsciente de um sujeito dividido, abre ao mesmo tempo nesse dizer a falha de seu impossível controle (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 78). Percebe-se claramente nesse exemplo a característica reflexiva do enunciado-comentário sobre o dito, o que leva à afirmação da existência de consciência por parte do enunciador do que a palavra enunciada poderia desencadear na situação de enunciação, o que o leva a uma tentativa, por meio do comentário, de evitar tal desencadeamento.

Em 2, a modalização autonímica produzida em “cadê aquele regadorzinho...não...como é que diz...” marca a não-coincidência entre as palavras e as coisas, a qual, assim como acontece em 1, diz respeito ao real da língua: segundo Lacan, é o real radicalmente heterogêneo à ordem simbólica, da falta de captura do objeto pela língua que ocasiona a perda inerente à linguagem. Há um reconhecimento por parte do enunciador, em 2, de seu fracasso em encontrar a nomeação coincidente ao objeto a ser representado, uma vez que o referente falha em função das singularidades do real a ser nomeado. Entretanto, o enunciador continua preservando em seu dizer o fantasma do “um”, uma vez que revela e compartilha com seu enunciatário a tentativa consoladora de encontrar a palavra coincidente capaz de dar a devida nomeação ao objeto, condição esta que se constitui como uma necessidade do sujeito falante. E, neste caso aqui analisado, trata-se de um sujeito falante de 4 anos de idade, o qual, já se pode dizer, encontra-se afetado pela heterogeneidade da enunciação e procura negociar com ela no intuito de promover uma proteção contra as não-coincidências. Seu comentário, nesse caso, volta-se para o dito e para o próprio ato de dizer, uma vez que preenche uma hesitação por meio de um marcador capaz de revelar sua relação polêmica com a enunciação.

Situação similar ocorre em 3, em que o enunciador tece um comentário avaliativo em relação ao seu próprio dizer “pelum negócio não sei muito bem”, por meio do qual relativiza a capacidade nomeadora de X, ao mesmo tempo em que confessa sua incapacidade encontrar expressão melhor, ou seja, ela existe, mas não é X, na falta dela, fico com X. Trata-se, portanto, de uma negociação do enunciador com a não-coincidência das palavras com as coisas, em que, novamente, o comentário se volta para o ato de enunciação em si, uma vez que é a busca da palavra adequada que fracassa e, portanto, exige que se diga algo sobre ela.

4. Considerações finais

As considerações que encerram esse artigo, paradoxalmente, exercem papel de “considerações iniciais” em nossa pesquisa, uma vez que, a partir delas, sentimo-nos motivados a buscar um corpus maior para testarmos nossas hipóteses e emprendermos nossas investigações. Temos clareza de que esses três casos, aqui apontados e analisados, certamente, não nos permitem ainda fazer afirmações quanto ao processo de aquisição das habilidades metaenunciativas, mas apontam para aspectos muito interessantes acerca do discurso infantil. Podemos afirmar que a criança, desde muito cedo, já apresenta na construção de seus enunciados manifestações linguísticas capazes de revelar habilidades metaenunciativas, por meio das quais a criança reconhece a

heterogeneidade enunciativa e, o mais importante, procura superá-la, num esforço expresso de negociação com as não-coincidências, como percebemos nos três exemplos analisados.

Não nos atrevemos ainda a comentar que não-coincidências recebem atenção metaenunciativa por parte da criança e que não-coincidências são ignoradas ou se algumas seurgem antes ou depois no processo de aquisição, uma vez que não temos dados de pesquisa suficientes para uma análise longitudinal. Entretanto, como anteriormente expresso, pretendemos desenvolver estudos futuros acerca dessas características.

Dessa forma, sentimo-nos motivados a continuar o trabalho, com a análise de um corpus de falas produzidas por crianças. Acreditamos ser possível, com a investigação que pretendemos desenvolver, construir um elenco de contribuições referentes à aquisição da linguagem no que diz respeito aos seus aspectos enunciativos. Trata-se de investigar a enunciação numa perspectiva longitudinal, na busca de se compreender mais um aspecto do processo de aquisição da linguagem infantil.

5. Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre, RS: EDIPUC, 2004.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 1993.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

NORMAND, C. Os termos da enunciação em Benveniste. In.: OLIVEIRA, S.L.; PARLATO, E.M.; RABELLO, S. (org.) *O Falar da Linguagem*. SP: Lovise, 1996.

TEIXEIRA, M. *Análise de Discurso e Psicanálise-Elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre, RS: EDIPUC, 2000.